

Brasília larga o lixo hospitalar a céu aberto

SÔNIA CRISTINA SILVA

Brasília não sabe o que fazer com seu lixo hospitalar. Diariamente, 15 toneladas de resíduos da capital e dos bairros-satélites são despejados em um aterro sanitário a céu aberto. Superficialmente enterrado, o lixo hospitalar contaminado continua à vista, a poucos metros do local onde dezenas de catadores recolhem o material jogado fora, como meio de vida. Embora jovem e planejada, a cidade tem um único incinerador de restos hospitalares, quebrado desde novembro do ano passado.

É no aterro do governo do Distrito Federal localizado entre Brasília e Taguatinga, a principal cidade-satélite do Distrito Federal, que todos os dias dois caminhões abarrotados do Serviço de Limpeza Urbana despejam o lixo hospitalar, geralmente mal acondicionado em sacos plásticos. Depois de denúncias da imprensa, os catadores foram afastados para não manusear o lixo aterrado, mas os próprios administradores do serviço de limpeza admitem ser impossível mantê-los distantes. As centenas de seringas, agulhas, materiais plásticos e vidros de medicamentos são uma mina de ouro para os catadores, que revendem o lixo.

O contato direto com esses resíduos pode levar a pessoa a adquirir desde simples verminose até Aids, se as agulhas tiverem sangue fresco contaminado, adverte Rosely Cerqueira, diretora do Serviço de Saúde Pública do Governo, acrescentando que o lixo comum já é fonte de várias doenças.

Disputando cada pedaço de cobre, papelão ou vidro, os silenciosos catadores parecem não se importar com as moscas, cães e outros animais mortos despejados por donos de matadouros. O mau cheiro e o forte odor de medicamentos e restos hospitalares que tomam conta do local se agravaram com a derrubada de uma remessa de centenas de caixas de remédios da Central de Medicamentos, órgão do Ministério da Saúde, ocorrida na última terça-feira. O lote foi inutilizado porque perdeu a validade e por possível risco de contaminação da água da Indústria Química e Farmacêutica de Goiás, que os produziu no ano passado. No depósito de lixo, é comum a presença de crianças, que olham interessadas a quantidade de vidros que lhes renderiam um bom lucro, mas a presença de repórteres e do fiscal da limpeza impediu o manuseio do material.

"Não adianta tentar afastá-los. Com polícia ou cerca os catadores invadem", diz o diretor do serviço de limpeza, Brasil Americo. Segundo ele, em julho serão reiniciadas as obras de conserto do incinerador, orçadas em Cz\$ 42 milhões, verba



José Paulo

Caminhão despeja centenas de agulhas e seringas usadas

que o governo de José Aparecido custou a conseguir. De qualquer forma, no Brasil, todo o lixo é considerado igual.

Mas o diretor do Serviço de Fiscalização de Saúde do governo, Gilberto Amado, não concorda com isso. Há dois anos foi enviada, de acordo com ele, circular aos hospitais estabelecendo que o lixo a ser usado como alimento para animais deveria ser entregue somente a órgãos que pudessem pasteurizá-lo. Nem os hospitais nem o Serviço de Limpeza Urbana respeitaram essa norma, já que o lixo despejado é servido de comida aos cães. Ainda, conforme Amado, os restos devem ser enterrados de forma a não ser manuseados facilmente.

O Decreto nº 8.386/85, do próprio governo do Distrito Federal, diz em seu artigo 116 que o lixo "deve ser transportado em veículo dotado de equipamento que impeça o lança-

mento de resíduos nas vias públicas". Mas os caminhões da limpeza urbana, identificados com uma cruz vermelha, seguem abarrotados para o aterro sanitário, muitas vezes com os sacos pendurados na parte traseira aberta dos veículos. O parágrafo 5 do artigo 113 proíbe a colocação dos resíduos em depósitos ao ar livre.

Em hospitais da rede oficial, como o da via L2 Sul e em clínicas particulares, o lixo fica em contêineres colocados em sacos, da noite para o dia, à espera dos caminhões. Amado, responsável pela fiscalização, disse que considera bom o trabalho da limpeza urbana e que até agora não havia pensado na possibilidade de colocar o lixo hospitalar em área exclusiva para esse fim. Mas admitiu que os aterros são precários e que a situação dos catadores é "degradante".

Brasília/Agência Estado